

Artigo no Jornal cinco quinças (on line) a 29 de maio de 2017:

Reflexão sobre conhecimento (tácito)

**O envelhecimento acelerado obriga-nos a agir rapidamente se quisermos maximizar a transformação do conhecimento tácito ancestral em conhecimento explícito, disponível, sem barreiras!**

-----

Perante o acentuado fenómeno do envelhecimento e do abandono do nosso território, uma preocupação que frequentemente me aborda é a perda dos saberes. Do conhecimento que ao longo dos anos foi utilizado na exploração e na transformação de recursos endógenos. Uma sabedoria baseada na experiência, na transmissão boca a boca, de pais para filhos! Qual será o potencial desse stock de conhecimento em termos culturais, de economia e emprego, perante novos meios de produção / transformação e associado a modernas tecnologias de informação e de comunicação?

A reflexão sobre este tema ressurgiu-me quando li um artigo recente do Jornal do Fundão com o título “Aldeias: Ruas de saudade e sementes de gratidão”. A determinada altura diz Nuno Francisco o seguinte “... humilde sabedoria que trespassou gerações que da escassez fizeram arte, fizeram espanto. Estamos a ganhar a noção que os velhos saberes são identidade. São diferenciadores. São únicos. Por isso estamos a redescobri-los, a exaltá-los e a promovê-los... estamos a celebrar quem nos antecedeu; quem, pelo engenho e pela necessidade, do quase nada, fez quase tudo...”. Palavras tocantes sem dúvida!

O conhecimento pode ser tácito ou explícito:

O conhecimento tácito é aquele que está depositado na cabeça das pessoas e é relativo à experiência e aos sentidos.

O conhecimento explícito é aquele que está documentado e estruturado e que está depositado em livros, computadores, etc., ou seja, fora das pessoas.

Neste nosso amplo território o saber tácito é igualmente vasto!

O envelhecimento acelerado obriga-nos a agir rapidamente se quisermos maximizar a transformação do conhecimento tácito ancestral em conhecimento explícito, disponível, sem barreiras!

O conhecimento que não estiver cristalizado vai perder-se com o desaparecimento dos mais antigos.

Há que pôr as pessoas a escrever sobre o que sabem, a falar para gravadores ou a fazer vídeos.

Deixo aqui um desafio ao poder autárquico. A criação de um arquivo e de uma plataforma informática dedicada aos saberes, às memórias. Uma plataforma que armazene e facilite a pesquisa e a transmissão do conhecimento.

Esse repositório poderia ser feito numa ampla perspectiva de aproximação de gerações, de ligação à diáspora, de levantamento histórico e etnográfico.

Uma outra oportunidade de captação de fundos estruturais para o Concelho...

Fica o desafio!